



Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título	Weiterdenken: Theodor W. Adorno e as conferências de 1949-1968
Entrevistado	Michael Schwarz
Entrevistadores	Bruna Della Torre e Fernando Bee
Fonte	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v. 3 n. 2, Dossiê Theodor W. Adorno, Campinas, 2º Semestre de 2019.
Link	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/article/view/4145

Formato de citação sugerido:

SCHWARZ, Michael. “Weiterdenken: Theodor W. Adorno e as conferências de 1949-1968”. Entrevistadores: Bruna Della Torre e Fernando Bee. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 3 n. 2, Dossiê Theodor W. Adorno, Campinas, 2º Semestre de 2019, p. 342-351.

WEITERDENKEN

Theodor W. Adorno e as conferências de 1949-1968

Uma entrevista com Michael Schwarz*

por Bruna Della Torre e Fernando Bee

Caro Michael Schwarz, para começar, você poderia nos contar qual é a imagem tradicional de Adorno na Alemanha? Ele também seria retratado a partir da caricatura do professor elitista e melancólico que não gosta de jazz? Como você acha que a recepção da obra de Adorno construiu ou influenciou essa imagem?

Michael Schwarz: Eu diria que, na Alemanha, não houve e nem há uma só imagem de Adorno. A imagem depende de quem a constrói. Aqueles que se manifestam sobre ele o representam de maneiras diversas, parcialmente contraditórias. Mas certas características principais podem ser nomeadas; listo a seguir alguns aspectos: há o filósofo afastado do mundo, que em suas meditações solitárias circunda de modo pensativo o “não idêntico”. Ou o residente do “grande hotel abismo”

* Michael Schwarz é pesquisador associado do *Arquivo Walter Benjamin* (Biblioteca Theodor W. Adorno, Rolf Tiedemann, Leo Löwenthal) da *Academia de Artes de Berlim* e editor do volume *Vorträge 1949-1968* [Conferências 1949-1968] dos *Nachgelassene Schriften* [Escritos póstumos] de Adorno. Contato: schwarz@adk.de

(George Lukács) que se abandona ao conforto da negatividade. Há também o propagandista de si mesmo, insuperavelmente vaidoso e egoísta, que quer brilhar, que se regozija ao guindar termos em guirlandas linguísticas virtuosas. Há o teórico musical que não dá valor a muita coisa, a não ser Schönberg e a segunda Escola de Viena. Há o crítico implacável da cultura dilatada do entretenimento e do consumismo musical, opositor rígido do populismo cultural e da fabricação comercial da música – num período em que a indústria midiática global ainda engatinhava. Há o intelectual engajado publicamente, o mentor de uma “educação para a maioria” [*Erziehung zur Mündigkeit*] e o precursor da “elaboração do passado” que forneceu as palavras-chave para a democratização da Alemanha. Há o agitador de insatisfação e confusão, o autor ou o pai da geração de 1968, que semeou o espírito da revolta, mas depois entrou em apuros com os seus próprios estudantes em disputas político-universitárias. Todas essas representações de Adorno são recorrentes. Em todo caso, para muitos, seu nome ainda está envolto em certo nimbo. Para outros, é um incômodo. Isso pode ser visto nas expressões de raiva subterrâneas que podem ser encontradas na internet. Com bastante frequência, o que é dito sobre Adorno ali vem de fontes secundárias.

Os Nachgelassene Schriften [escritos póstumos] de Adorno têm sido publicados desde 1993. No entanto, a maioria dos volumes publicados até agora tem sido preleções e fragmentos escritos. O volume “Vorträge 1949-1968” [Conferências 1949-68] reúne debates e conferências provenientes de gravações de rádio e de outras

fontes. Quais outros materiais gravados já foram publicados e quais ainda não foram? Qual é a história deste volume? De onde surgiu a ideia e como a edição foi preparada?

Michael Schwarz: Hoje, o *Theodor W. Adorno Archive* [Arquivo de Theodor W. Adorno] possui 388 gravações de áudio com Adorno. Trata-se sobretudo de conferências e debates. Existem também algumas composições de Adorno que ele mesmo gravou ao piano. Quando falo de conferências – em um sentido mais amplo –, estão incluídos também os muitos ensaios que Adorno proferiu nos estúdios de rádio. Eles foram transmitidos nas décadas de 1950 e 1960. É preciso distinguir entre eles e as conferências num sentido mais estrito, isto é, aquelas que Adorno apresentou livremente. Incluímos apenas essas conferências improvisadas na antologia publicada em 2019.

Falecido em 2018, Rolf Tiedemann, o importante organizador dos *Gesammelte Schriften* [escritos reunidos] de Theodor W. Adorno – e também de Walter Benjamin –, desenvolveu o plano para os *Nachgelassene Schriften*. Já nessa concepção foram previstos volumes individuais com as conferências de Adorno, assim como conversas, discussões e entrevistas. Tiedemann evidentemente estava ciente de que seria problemático reunir preleções, conferências e discussões sob o rótulo de “escritos” póstumos. Mas foi bom que a editora Suhrkamp e a Fundação de Hamburgo para a Promoção da Ciência e Cultura permitiram a inclusão de todos esses itens orais, improvisados e não escritos na edição póstuma.

No que se refere à edição das conferências, tudo aquilo que pertencia e estava a elas relacionado teve de ser primeiramente ordenado e arquivado no espólio. Tivemos que ter uma visão geral de quando, onde, e sobre o que Adorno falou. O próximo passo foi então a coleta para complementar o material do espólio. Pesquisamos arquivos de rádio para obter a coleção mais completa possível de gravações de áudio com Adorno. Desse modo, um plano detalhado para o volume da palestra pôde ser preparado. Ao produzir o texto, ative-me às gravações sonoras o máximo possível e as transcrevi. No entanto, quando havia apenas um modelo escrito, esse tinha que ser usado como base do texto. Além das conferências, o volume também contém as palavras-chave das quais Adorno estava munido em cada caso e a partir das quais improvisava. Além disso, há também uma extensa seção de notas com explicações para passagens específicas, um posfácio editorial e um índice onomástico.

O material reunido no volume abrange de Proust à personalidade autoritária, da nova música à superstição. Como essas conferências e debates se relacionam entre si e com o clima político e cultural da Alemanha do pós-guerra?

Michael Schwarz: De fato, o volume visa refletir a extraordinária variedade e diversidade de objetos com os quais Adorno lidou a partir da riqueza de sua experiência de formação [*Bildungserfahrung*]. Ele falou sobre temas musicais e sociológicos, mas também pedagógicos, políticos e literários. A transposição das disciplinas individuais, a reflexão em perspectivas multidisciplinares são suas características. Mesmo que nenhuma das

conferências lide com tópicos propriamente da filosofia, algumas têm um impacto filosófico. Quando Adorno fala sobre os problemas do planejamento urbano moderno, é inconfundivelmente Adorno quem fala: seu modo de pensar, perpassa seu hábito intelectual; entram em cena seus motivos teórico-críticos centrais e suas figuras de argumentação. As referências se repetem, assim como vem à tona automenções e conexões intertextuais com seus próprios escritos. O escopo é amplo, mas também estabelecido de forma estrita: todas as conferências do volume – por mais diferentes que fossem em termos do tema, da ocasião, situação, contexto, ouvintes – foram improvisadas por Adorno, isto é, apresentadas livremente com base em palavras-chave.

No que se refere ao contexto político e cultural, o período do pós-guerra – até o meio da década de 1950 – era diferente do que o posterior. A Alemanha estava em ruínas quando Adorno voltou da emigração em 1949, e o país também estava desolado culturalmente. Era necessário trabalhar contra a paralisia do espírito, contra o baixo nível educacional, contra a atrofia da consciência histórica; era necessário trabalhar para nos familiarizarmos com as tradições que haviam sido deportadas e expulsas pelo nacional-socialismo. Adorno falou sobre questões da reconstrução, sobre a refundação da sociologia oprimida pelos nacional-socialistas, sobre desdobramentos da Nova Música e sobre o escritor Marcel Proust, cuja recepção na Alemanha havia sido negligenciada.

Depois tem as conferências de 1957 a 1963, nas quais as reflexões sobre a formação [*Bildung*] entram no primeiro plano.

Adorno tratou de questões universitárias, de “A personalidade autoritária” (1960), do problema da “unidade entre pesquisa e ensino” (1961) e também do “conceito de formação política [*politischen Bildung*]” (1963). A Alemanha Ocidental se estabilizou economicamente de modo surpreendentemente rápido e naquele momento a cultura política estava começando a mudar. Houve progresso no desenvolvimento de um público crítico, remodelações no sistema de valores; iniciou-se o questionamento de autoridades e hierarquias. Já nesses anos estavam começando a brotar as transformações que levaram à ebulição política de 1968. Como é sabido, Adorno teve um papel essencial nisso.

Nessas conferências e debates, Adorno defende uma formação [Bildung] política e cultural diferente daquela do idealismo. Quais são os problemas do conceito alemão de formação destacados por Adorno? Quais eventos e movimentos ele está criticando?

Michael Schwarz: O conceito de “formação” – que na Alemanha tem um sentido duplo, designando ao mesmo tempo processo e resultado – está ligado tradicionalmente, para nós, ao nome de Wilhelm von Humboldt. O ideal de Humboldt é “a formação mais elevada e proporcional das forças do ser humano como um todo”. Um tal conceito de formação pensado de forma tão idealista foi atacado desde o início. Isso ocorreu mais intensamente a partir da metade dos anos 1950 com pedagogos sob a influência de uma “virada realista”. Humboldt foi acusado de estar em alienação da realidade [*Wirklichkeitsfremdheit*]; seu ideal de formação não teria nada a ver com as exigências reais

do mundo moderno do trabalho, com os requisitos de instrução [*Ausbildung*] profissional e de atividades especializadas. Adorno menciona tais ataques, mas não gostaria simplesmente de se livrar do conceito idealista de formação, o que já implica uma crítica da sociedade dividida pelo trabalho. Isso é um dos lados. Do outro lado, havia uma doutrina e uma experiência assombrosa do tempo do nacional-socialismo de que a formação não oferece necessariamente resguardo contra uma recaída em relações desumanas. Os nazistas não eram somente um bando de ignorantes. O escritor suíço Max Frisch expressou isso – Adorno referia-se ocasionalmente à mesma coisa. Frisch menciona o exemplo do político nacional-socialista Reinhard Heydrich, que participou decisivamente do planejamento geral de extermínio dos judeus. Mas que também era, diz Frisch, um músico excelente e muito sensível, que podia conversar sobre Bach, Mozart e Beethoven com entusiasmo e expertise autêntica, e até mesmo com amor. E essa formação estética fina não o impediu de se dedicar à prática bruta do assassinato. Pois, qual tipo de formação modificada precisamos, se se trata sobretudo de impedir que coisas como o assassinato em massa e a recaída na barbárie não se repitam? Essa é a questão.

A conferência de 1967 “Aspectos do novo radicalismo de direita”, que foi publicada no último ano também em seu volume próprio, encontrou uma grande ressonância no público falante de alemão, tornando-se um best-seller na filosofia. Como essa conferência se relaciona com o seu contexto, isto é, com o final dos anos 1960, e também como ela se relaciona com os dias de hoje?

Michael Schwarz: Estava-se feliz por ter deixado o nacional-socialismo para trás, e então houve, na parte ocidental da Alemanha, eventos que chocaram a confiança no desenvolvimento democrático. Em 1959 e 1960 houve, durante semanas, uma onda de pichações antissemitas pelo país. No período de 2 meses foram registradas mais de 600 infrações, houve mensagens ameaçadoras e injuriosas, sinagogas e cemitérios judaicos foram pichados. Depois, alguns anos mais tarde, veio o grande sucesso eleitoral do “Partido nacional-democrático da Alemanha” [*Nationaldemokratische Partei Deutschlands*] (NPD), de extrema-direita, fundado em 1964. A esfera pública política ficou alarmada. E Adorno foi encarregado de tratar sobre os “Aspectos do novo radicalismo de direita” em uma conferência. A ressonância monstruosa experimentada por essa conferência desde sua publicação em 2019 explica-se também pela preocupação com uma situação política que deu forte impulso às tendências populistas de direita na Alemanha, em outros países europeus e na América. Resenhas mostraram-se espantadas com as amplas correspondências que se pode descobrir com o presente. Muita coisa – por exemplo, quando Adorno analisa a retórica da extrema direita – pode se referir também ao atual populismo de direita – especificamente à ala extrema do “Alternativa para a Alemanha” [*Alternative für Deutschland*] (AfD), partido que teve um avanço imenso nos últimos anos. A atualidade dessa conferência foi enfatizada repetidamente. Mas também existiram vozes que apontaram os limites da atualização. De qualquer forma, o pequeno livro sobre o radicalismo de direita levantou muita poeira e desencadeou uma ampla discus-

são. De repente Adorno estava novamente na boca de todos – naturalmente não na boca de todos, mas ainda assim na de muitos. E não foi somente na Alemanha que houve interesse pelo volume. Nesse ínterim, a editora Suhrkamp vendeu muitas licenças no exterior, frequentemente também em países nos quais existem fortes correntes populistas de direita.

Para concluir a nossa conversa, em que medida esse novo volume pode transformar a imagem de Adorno e alterar a recepção de seu trabalho?

Michael Schwarz: Entre os filósofos alemães, Adorno foi considerado a pessoa que diz não [*Neinsager*]. E a imagem de negativista não é também de todo falsa. Uma declaração afirmativa era suspeita para ele, e ele queria evitar tudo que fosse apolo-gético. Ele não via como sua tarefa indicar o positivo em conceitos seguros, fornecer receitas de melhorias ou fazer uma “crítica construtiva”. Mas o pensamento de Adorno não se reduz à negatividade. As conferências mostram isso. Elas não são documentos de amargura. Ocasionalmente, Adorno formula até mesmo conselhos e sugestões práticas. Aqui se manifesta o sentido de realidade que às vezes lhe foi negado. Em 1967, ele forneceu recomendações palpáveis para lidar com os radicais de direita, para além de apelos humanitários ou moralizantes. De modo realista e de forma alguma alheio ao mundo, ele fala ali sobre estratégias de defesa contra a direita. Logo, eu acho que, a esse respeito, seria necessário corrigir a imagem de Adorno. Se ele é visto somente como um teórico distante da prática ou até mesmo resignado, então ignora-se esse lado de

sua atuação que pode emergir nessas conferências. Uma boa parte delas tem caráter introdutório, iniciador, mediador ou panorâmico. Elas demandam menos conhecimento pressuposto e são assim favoráveis à recepção. Adorno queria ser entendido. Suas conferências não falam a linguagem da exclusividade. Elas são, na maioria das vezes, mais fáceis de se compreender do que os seus escritos. Entram em cena destacadamente a orientação do público e a relação de causa e efeito. E o que também me parece importante para a recepção: Adorno dedicou-se menos a formular verdades definitivas que chamar a atenção para um problema, mostrar um pensamento vivo e encorajar os ouvintes a pensar junto, a usar o próprio entendimento. Em uma conferência, ele diz literalmente: “Deixo isso para vocês continuarem a pensar”.